

## Impactos e mudanças causados pela pandemia de Covid-19 no fazer da biblioteconomia: cenário da biblioteca escolar do campo

 Daniela Carla de Oliveira<sup>1</sup>,  Leilah Santiago Bufrem<sup>2</sup>,  Marcos Gehrke<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Avenida Água Verde, 2140, Vila Isabel. Curitiba - PR. Brasil. <sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná - UFPR. <sup>3</sup> Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO.

Autor para correspondência/Author for correspondence: [dani.lela.com@gmail.com](mailto:dani.lela.com@gmail.com)

**RESUMO.** Este artigo apresenta dados sobre o impacto e as mudanças causadas pela Pandemia de Covid-19 no fazer da biblioteconomia, no cenário da biblioteca escolar do campo. Apresenta o trabalho em bibliotecas como um fazer especial, cujo sentido só é valorizado se contextualizado. Questiona o papel da biblioteca e das práticas bibliotecárias na atual conjuntura, com o cenário da pandemia de Covid-19. Objetiva atualizar o debate sobre o fazer bibliotecário em Escolas do Campo na conjuntura da pandemia. Faz uso de pesquisa bibliográfica e exploratória em campo, mediada pela aplicação de questionário. Conclui apontando a situação de precariedade, impeditiva de ações e atividades de incentivo à leitura e disseminação de recursos pedagógicos de apoio às bibliotecas escolares e escolares-comunitárias.

**Palavras-chave:** biblioteca escolar do campo, pandemia, bibliotecário.

## **Impacts and changes caused by the Covid-19 pandemic in librarianship: the rural school library scenario**

**ABSTRACT.** This article presents data on the impacts and changes caused by the Covid-19 pandemic on librarianship within the context of rural school libraries. We understand the work in libraries as a special activity that is only valued if contextualized. Thus, we question the role of the library and the librarian practices in the current pandemic scenario with the purpose of updating the debate on librarianship in rural schools. To this end, we conducted a bibliographic and exploratory field research mediated by the application of a questionnaire. We conclude by highlighting the precarious situation that prevents actions and activities to encourage reading and the dissemination of pedagogical resources to support school and school-community libraries.

**Keywords:** rural school library, pandemic, librarian.

## **Impactos y cambios causados por la pandemia de Covid-19 en el hacer de la biblioteconomía: escenario de la biblioteca escolar del campo**

**RESUMEN.** Este artículo presenta datos sobre el impacto y los cambios causados por la Pandemia de Covid-19 en el hacer de la biblioteconomía, en el escenario de la biblioteca escolar del campo. Coyuntura el trabajo en bibliotecas como un hacer especial, cuyo sentido solo es valorado si contextualizado. Cuestiona el papel de la biblioteca y de las prácticas bibliotecarias, en la actual coyuntura, con el escenario de la pandemia de Covid-19. Objetiva actualizar el debate sobre el hacer bibliotecario en escuelas del campo en la coyuntura de la pandemia. Hace uso de investigación bibliográfica y exploratoria en campo, mediada por la aplicación de cuestionario. Concluye apuntando la situación de precariedad, impeditiva de acciones y actividades de incentivo a la lectura y diseminación de recursos pedagógicos de apoyo a las bibliotecas escolares y escolares-comunitarias.

**Palabras clave:** biblioteca escolar del campo, pandemia, bibliotecario.

## Introdução

O trabalho em bibliotecas é um fazer especial, cujo sentido só é valorizado se contextualizado. Torna-se, então, uma *práxis*, configurando-se como ato político, reconhecido pelo seu poder de transformação e pelo significado dessas transformações segundo as especificidades de cada contexto. O fazer bibliotecário<sup>1</sup> é um trabalho de natureza do bibliotecário, mas que se transforma e transgride no fazer bibliotecário de diversos outros atores, como professores, militantes, estudantes, agentes de leitura, entre outros profissionais que ainda acreditam e apostam na atualidade da biblioteca na formação humana.

No caso específico da Biblioteca Escolar do Trabalho (BET), no contexto da Escola do Campo (Caldart et al., 2012), compreendida como mais um dos espaços de produção, ordenação e circulação da informação, do conhecimento e da cultura camponesa, o sentido dessa *práxis* se adquire no encontro do trabalho com as contradições peculiares do contexto do campo. Seja pela ausência de bibliotecas, sua inadequação ou seu isolamento, seja pela distância das cidades, seja pelo precário acesso aos livros e ao fazer da biblioteca pública. Essas contradições decorrem da ausência de políticas públicas de produção e publicação dos saberes e

conhecimentos locais, assim como da falta de profissionais aptos a ocuparem esses espaços e dos limites na formação de leitores por falta de acervo, de locais e de serviços especializados. Todos os pontos elencados acabam por restringir as condições minimamente propícias à formação do gosto pela leitura, relacionada “... às experiências culturais e intelectuais, à inserção da pessoa num universo de relações complexas” (Britto, 2009, p. 26).

Passados dez anos (2012) da nossa primeira visita coletiva as bibliotecas de escolas de acampamentos e de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), participamos de uma palestra cuja pergunta movente, instigada pelo evento virtual alusivo ao dia do bibliotecário, questionava sobre quais as possibilidades do fazer bibliotecário diante dos impactos e mudanças causados pela Pandemia de Covid-19 no Cenário da Biblioteca Escolar (BE) do campo. A partir dessa provocação realizamos uma investigação afim de revisitar impressões e dados reunidos em 2012.

Para tanto, usamos como método de pesquisa questões orientadoras para a reflexão, tais como: qual o papel da biblioteca e das práticas bibliotecárias na atual conjuntura? As práticas estariam sendo realizadas? Quem estaria

desenvolvendo as atividades, ou, qual o perfil de quem trabalha na biblioteca? Qual a posição do Estado, no caso da Secretaria de Estado da Educação e do Esporte<sup>ii</sup> (SEED) no Paraná, em relação a essa atuação no período de 2020 a 2021? Esses questionamentos impulsionaram a proposta de analisar as possibilidades do fazer bibliotecário diante dos impactos e mudanças causados pela pandemia de Covid-19 no cenário da BE do campo.

Na sequência realizamos a pesquisa bibliográfica em fontes diversas como possibilidade de fundamentar teoricamente o trabalho. Aplicamos ainda um questionário aos responsáveis pelas BE do campo localizadas em áreas de assentamento da Reforma Agrária. Para isso, definimos quatro questões, considerando-se a proposta de estudo: o que vem acontecendo com a BE no cenário pandêmico? O Estado produziu alguma instrução aos diretores? Se ela vem realizando algum trabalho, quais as práticas que sua escola propôs e desenvolveu com os livros? Quem tem atuado como trabalhador da BE do campo nesse período e qual o perfil desse sujeito?

Objetivamos nesse trabalho analisar os impactos e mudanças causados pela pandemia de Covid-19 no fazer da bibliotecário em Escolas do Campo e identificar o perfil de quem nela atua.

Assim, o artigo articula o percurso realizado em pesquisas anteriores, atualiza-se desde o questionário aplicado em Escolas Campo e se materializa nas reflexões produzidas em palestras realizadas e na escrita colaborativa deste texto.

O trabalho está organizado em três seções. Inicialmente, o estudo exploratório que nos aproxima da biblioteca no contexto do campo (2012). Na segunda seção refletimos acerca do fazer bibliotecário no contexto das Escolas do Campo. Na terceira seção realizamos a análise dos dados do questionário e o contexto da pandemia na atualidade da BE do campo. Por fim, as considerações finais e referências utilizadas.

### **Estudo exploratório: pesquisa em contexto do campo**

As viagens para a realização dos estudos exploratórios de Gehrke e Oliveira (2012), então, doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), pautaram-se em trajeto abrangendo Cascavel e Rio Bonito do Iguçu, para conhecer Escolas do Campo localizadas em áreas de assentamentos e acampamentos da Reforma Agrária do MST, no Paraná.

Retomando essa trajetória, trazemos as memórias do campo, do nosso percurso, dos sujeitos da luta pela escola, das BE do campo e de suas dependências, algumas forjadas no imprevisto e limitadas pelas condições estruturais, aliadas à falta de pessoal especializado. Esse cenário aos poucos foi sendo por nós reconhecido, graças aos esforços de Gehrke (2014), cujo trabalho de quatro anos com a tese foi propulsor não só de conhecimentos e adoção de modos de organização e uso dos acervos, como de práticas criativas, de transformação de atitudes em relação às bibliotecas e aos processos de leitura e escrita. Assim, essa ação, deliberada e intencional, aos poucos teve seus resultados reconhecidos e ampliados. Os principais produtos dessa história foram duas teses defendidas, de Gehrke (2014) e Oliveira (2014).

A tese de Gehrke (2014), analisa as BE da Rede Estadual de Ensino do Campo do estado do Paraná, na relação com a conjuntura do Movimento da Educação do Campo (Caldart et al., 2012), por meio de um estudo de caso, encaminhado por intermédio das categorias da análise de conjuntura e da análise de conteúdo. Ao se dirigir às contradições perceptíveis nesse cenário, realiza uma análise de conjuntura, para defender a tese de que escrever é um modo de lutar e trabalhar.

Reconhecido o avanço da ciência da informação e o aperfeiçoamento dos sistemas a ela relacionados, com destaque para as tecnologias educacionais e o livro digital, entre outros acessórios midiáticos, a tese aponta possibilidades para a BE no contexto educativo do campo, assim como para a formação de intelectuais orgânicos, leitores escritores na escola e na BET; apresenta contribuições à *práxis* para transformar a BE em BET no contexto da Educação do Campo; compreende a relação entre a conjuntura da Educação do Campo, as políticas públicas e a produção do acervo dessa luta (1998 a 2013); caracteriza a BE paranaense, seu espaço físico e político, acervo e o trabalho dos atores; concebe matrizes formativas para os atores que atuam na BET e indica princípios para produção da BET. Ao ordenar o referencial bibliográfico a partir das bases de dados da Brapci, Capes, Unicamp e Unespar, o trabalho é organizado em categorias teóricas BE, BET, Educação do Campo, Cultura, Conhecimento, Organização Coletiva e Trabalho.

No campo empírico, produz os dados a partir da análise dos documentos forjados no Movimento da Educação do Campo (1998 a 2013) e com o inventário da realidade desenvolvido em 355 BE. Verifica um crescente investimento em

pesquisa e políticas públicas na área de ciência da informação e produção de tecnologias de informação, em contradição com o que ocorre no campo educacional e escolar, no qual a marginalização ainda é frequente.

Considera os avanços na formulação de políticas e legislações para o livro e a BE, porém identifica contradições na sua implementação, destacando de forma mais efetiva a não universalização das bibliotecas nas escolas públicas paranaenses, como previa a Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 (BRASIL, 2010).

Argumenta que a contribuição dos movimentos sociais, sobretudo do MST, e a produção do acervo ordenado na Biblioteca da Educação do Campo apontam para consideráveis contribuições na projeção da BET, entre elas a *práxis* da escrita coletiva com protagonismo dos sujeitos em luta, os processos de sistematização de experiências, a publicação e circulação dos documentos produzidos e a escrita com propósito de vários gêneros do discurso.

A investigação evidencia elementos desfavoráveis a uma *práxis* nas BEs e, ao mesmo tempo, possibilita a criação e a transgressão, ou seja, precisa-se fazer a BE na realidade e dentro da conjuntura possível. Para tal, se faz necessário o envolvimento de todos os atores de uma

comunidade educativa participando, ainda que esse envolvimento seja raso; ordenar a BE da forma possível e que seja uma ordenação adequada, com planejamento próprio e pertinente e, ainda, ser pauta permanente dos movimentos sociais do campo e da escola. A tese de Gehrke (2014) cumpriu um papel transformador, evidenciando a impossibilidade da inocuidade de uma pesquisa desse tipo, portanto compreendemos como acontecimento, em relação à *práxis* nas bibliotecas das Escolas do Campo.

A tese de Oliveira (2014), utiliza como metodologia dois questionários destinados aos coordenadores pedagógicos das Escolas Itinerantes e aos educadores que lecionavam nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, totalizando 40 indivíduos participantes da pesquisa e nove escolas.

Desenvolvido no período de 2011 a 2014, o estudo identificou as concepções e as práticas de leitura realizadas na Educação Básica da Escola Itinerante que migraram para o acampamento e as práticas de leitura no acampamento que migraram para a escola, demonstrando que as práticas culturais da leitura se inter-relacionam no interior do acampamento. A observação focalizou as relações estabelecidas, a partir da leitura, na escola e no acampamento. Partindo de estudo

exploratório voltado às Escolas do Campo localizadas em áreas de acampamento da Reforma Agrária do MST no Paraná, ela revela, num resgate histórico acerca das Escolas Itinerantes em seus aspectos políticos e pedagógicos, um processo de luta pela escola e pela educação, a organização político-pedagógica e a implementação dos Ciclos de Formação Humana e dos Complexos de Estudo.

Ao analisar concepções e estratégias de leitura, biblioteca, acervo e outros elementos, a pesquisadora favorece a compreensão do processo de leitura na Escola Itinerante a partir de quatro categorias: o educador e sua relação com a leitura; a formação dos educadores para estimular a leitura; as condições de ocorrência de práticas da leitura; e o significado da leitura na escola e no acampamento. Os dois trabalhos doutorais convergem para o movimento de construção dos saberes e práticas escolares, destacando as práticas de leitura, no contexto da escola e da biblioteca.

As reflexões que podemos depreender é que a partir das práticas sociais realizadas no cotidiano do Movimento, a construção dos saberes e das práticas escolares, como a prática de leitura e da escrita, ocorrem em ambiente cercado por incertezas, pressões sociais, políticas e econômicas. Isso se verifica, como

observaram os autores, a partir das práticas sociais, da luta pela terra, pela educação e pela escola, realizadas no cotidiano do Movimento, como mostraremos na seção a seguir.

### **Fazeres bibliotecários: do trabalhador e seu perfil, às práticas na biblioteca da Escola do Campo**

Entendemos que a biblioteca é uma construção social e humana, movida pelo trabalho (Marx & Engels, 1986). Formas de trabalho realizadas na BE, fazeres bibliotecários ou os quefazeres (Freire, 1987), são conceitos que sustentam nossa perspectiva de construção e luta pela BE no contexto do campo (Caldart et al., 2012). A pesquisa indica que no cenário das BE atuam como trabalhadores desse espaço um conjunto de atores: “profissional específico”, “bibliotecário”, “agente de leitura”, “secretário”, “atendente de biblioteca”, “pessoa responsável”, “funcionário”, “pedagogo”, “diretor”, “professor”, “professor readaptado”, “agente educacional”, “trabalhador voluntário”.

A Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas, em seu art. 3º determina que “... os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das BEs, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada



num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário” (Brasil, 2010).

O prazo, ao qual se refere a Lei citada, não foi cumprido. Foram escassas as ações dirigidas ao seu cumprimento, como também faltam às escolas infraestrutura e profissionais para a criação das BE e sua efetiva gestão, como constata Pereira (2018). Foi possível perceber, segundo o autor, concepções fundamentadas sobre o papel das bibliotecas na escola, sobretudo em relação ao processo de leitura e letramento. Entretanto, elas não encontram respaldo ou sustentação política para sua materialização nos ambientes das escolas.

Dados empíricos e a própria legislação comprovam que o professor é contratado para sala de aula, o pedagogo e o diretor para gestão pedagógica e administrativa, respectivamente, assim como todos os demais profissionais, cada qual para uma função específica. Questionamos: por que não ocorre a contratação de profissionais para a biblioteca da escola pública paranaense? Teriam os atores hoje presentes na biblioteca da escola preparo político-técnico para exercer tal função? Não existe legislação na área?

A esse respeito, verificamos que a SEED, após a implantação do Sistema da

Rede de Bibliotecas Escolares Públicas (Paraná, 2011), redige, no ano seguinte, a Resolução 4534/2012, implementando o sistema da rede por meio do programa Pergamum, com o objetivo de informatizar os acervos e os colocar em relação. Fez a seleção de 500 escolas no estado para participarem do projeto piloto e para tal realizou três cursos à distância, visando implantar o sistema e estabelecendo demanda para contratação de agentes de leitura para todos os turnos de funcionamento das BEs (Paraná, 2011). Segundo o documento, o agente de leitura deveria apresentar habilidades e prazer pela leitura, fazer parte do quadro funcional da escola, um agente administrativo ou um professor readaptado, e participar da formação do programa. A página eletrônica da SEED anunciou a realização de três cursos de formação, em 2012, após os quais nada foi ofertado para atender à Resolução. A implementação do Sistema foi abandonada em seguida, sem explicações para as escolas. A fim de constatar se houve alguma iniciativa, entre 2013 e 2021, que retomasse a discussão a respeito das BEs no âmbito da SEED, realizamos uma breve consulta ao Canal do Professor (2020), atual ferramenta *online* que intenta promover o diálogo, a troca de experiência e a formação continuada de professores da rede estadual de educação

do Paraná em tempos de pandemia, e constatamos que, em 2020, dos incontáveis vídeos postados diariamente no Canal apenas um - Conexão Professor: A BE engajada no incentivo da leitura - abordou o fazer bibliotecário na escola. Trata-se de um relato de experiência, organização e promoção da leitura em uma BE no Colégio Estadual José de Anchieta, localizado na cidade de União da Vitória. Essa constatação demonstra a ausência de políticas para o trabalho e o trabalhador da BE. Assim, iniciamos demarcando a necessidade de estabelecer o perfil de quem trabalha na BE. Um trabalhador que articula no seu fazer educativo a escola e a vida, o trabalho-estudo, a informação, o saber e o conhecimento.

Todavia, lutar pela definição do perfil desse sujeito e sua atuação na BE precisa ser uma ação dos trabalhadores da educação, dos movimentos sociais, das Instituições de Ensino Superior (IES) e dos atores da BE. Seu perfil atual, no contexto escolar da Escola do Campo, está amplamente diversificado, o que significa indefinição. A BE vem sendo um espaço educativo da escola sem a presença de profissionais formados para tal fim, com isso, desprestigiada e desvalorizada no sistema educativo.

Assumir esta ação como um dos princípios de produção da BET implicou

trazer para análise de conjuntura o contexto investigado, ou seja, a realidade da biblioteca da Escola do Campo, a partir dos enunciados levantados na pesquisa, na voz de quem trabalha na biblioteca da escola, e os dados da literatura da área.

Esse trabalho gerou um quadro para análise, o Quadro 1. Na primeira coluna, apresentamos e nomeamos os atores que trabalham na BE do campo, com dados do questionário desenvolvido nas 355 BE das Escolas do Campo, em 2014. Na segunda coluna, indicamos o perfil desses atores, sua formação e função na escola pública paranaense, com base nos documentos da SEED e nas respostas dos trabalhadores da BE do campo ao questionário (2021). Convém observar que nenhum deles é oficialmente contratado no sistema para atuar na BE do campo, mas todos desempenham práticas/habilidades indicadoras de um perfil possível. Por fim, na terceira coluna, produzimos uma síntese ou caracterização do que seriam traços do perfil do trabalhador da BET, a partir da literatura estudada e da projeção da BET.

O perfil do trabalhador da BET teria três grandes dimensões em sua formação como desafio, a dimensão profissional e seu reconhecimento enquanto classe trabalhadora; a dimensão política que demarca seu trabalho nessa esfera da formação humana; a dimensão pedagógica,

um formador no campo cultural e escolar. Esse trabalhador passa por um processo formativo na prática cotidiana da biblioteca, na formação inicial e

continuada nas universidades públicas e assumido pelo Estado como trabalhador da BE.

Quadro 1 - Relação entre o ator da BE e seu perfil e o perfil do trabalhador da biblioteca escolar do trabalho.

Ator da BE investigada	Perfil dos atores da BE	Perfil do trabalhador da BET
<b>Atendente de biblioteca Funcionário Agente educacional II Secretário</b>	Trabalhador. Profissional. Profissão reconhecida no sistema público. Concurso público. Técnico na área.	Trabalhador Profissional reconhecido no sistema público Concursado Técnico ou Graduado na área
<b>Bibliotecário</b>	Trabalhador. Profissional. Graduado na área. Preparação técnica. Mediador de leitura.	Dirigente Liderança Pessoa Experiente Educador Educador Popular Agente político Animador cultural
<b>Agente de leitura</b>	Trabalhador. Experiência na área. Conhecedor da leitura. Mediador de leitura.	
<b>Pedagogo</b>	Trabalhador. Profissional. Profissão reconhecida no sistema público. Coordenador. Graduado na área. Concurso público.	
<b>Diretor</b>	Trabalhador. Dirigente. Liderança. Cargo reconhecido no sistema público.	Bibliotecário escolar Mediador de leitura Conhecedor da leitura Pedagogo Coordenador Técnico e intelectual Guia intelectual do leitor Conhecedor do usuário ou comunidade de usuários Conhecedor do aparelho escolar.
<b>Professor e Professor readaptado</b>	Trabalhador. Profissional. Mediador de leitura. Alguém que ensina. Pessoa Experiente. Profissão reconhecida no sistema público. Graduado na área. Concurso público.	Alfabetizador Informador Formador
<b>Trabalhador voluntário Militante</b>	Trabalhador. Voluntário. Militante. Alguém da comunidade.	

Fonte: Gehrke (2014).

Esse princípio quer reafirmar a necessidade da formação de um profissional específico para na BE do campo ou da cidade. Ele assume funções do bibliotecário, mas se ressignifica na função de um bibliotecário escolar que, para Silva (2003), incorpora características de pedagogo, por isso, pedagogia da

leitura. A relação entre biblioteca e leitura, logo, no trabalho intelectual e leitor de quem trabalha na biblioteca é frequente em obras de Silva (1986; 1988; 2003), Milanesi (1986) e Arguelles e Zapata (2002), que insistem na qualificação deste trabalho e do trabalhador. Essa

qualificação pode ser a linha tênue entre a formação ou não do gosto pela leitura.

Desse modo, essa função precisa ser exercida por um profissional, formado academicamente, com reconhecimento no sistema público e com concurso específico na área. A literatura analisada expõe esse trabalhador como bibliotecário, pedagogo, educador, também nas obras de Llano (1997) e Freire (1984; 2001).

Campello et al. (2005), entre outros, destaca em suas produções características do perfil desse trabalhador, que são amplas, complexas e desafiadoras. Permeiam o trabalho técnico, pedagógico e político, caracterizando o profissional como um agente político, leitor, coordenador, técnico e intelectual, guia intelectual do leitor, conhecedor da comunidade de usuários e do aparelho escolar, animador cultural, informador.

Para Souza (2009), Maroto (2009) e Campello et al. (2005), o trabalhador da biblioteca precisa compreender seu trabalho inserido no espaço do fazer educativo ou da prática educativa. Sua realização demanda planejamento e condições de execução, para que seu fim - a pesquisa escolar, a leitura, o trabalho socialmente necessário, o autosserviço, seja possível.

Para a BET, outros aspectos marcam e incorporam a definição do perfil desse

trabalhador. Destacamos seu compromisso político e militância na causa da BE do campo, a capacidade de ser dirigente, líder e educador popular, pois a BET se coloca como espaço aberto à comunidade (Rigobelo & Di Giorgi, 2009), transgredindo o estabelecido, atende alunos e se faz espaço da informação, do conhecimento e da cultura no sentido amplo (Milanesi, 1986; Maroto, 2009), para o conjunto de atores da escola e seu entorno.

Sobre o trabalho ou o fazer bibliotecário exemplificamos práticas executadas nas BE do campo (Gehrkw, 2014), como: ordenar o espaço possível na escola e denominá-lo BE; escolher um nome significativo para ela e fazer a inauguração com uma grande festa; ordenar o acervo de alguma forma e orientar os estudantes e professores para o uso; informatizar os dados; planejar o trabalho em parceria com os atores-sujeitos, acolhendo necessidades e interesses; fazer o processo de auto-organização dos estudantes e dividir o trabalho da BET; mapear os interesses de leitura; produzir e aprovar em assembleia o regimento da BE; divulgar o acervo junto à comunidade; pautar e reivindicar acervo junto aos órgãos competentes; reivindicar recursos para publicar produção local; vivenciar práticas de leitura - seminários,

recitais, rodas de leitura, contação de histórias; fazer a contação de “causos” do local; trazer escritores e pessoas que escrevam para dar depoimentos nas BEs; trazer os mais velhos para BE, torná-los contadores de histórias; ensinar a pesquisa escolar na BE e nas salas de aula; fazer a memória da ocupação, por meio da escrita e da imagem; transformar a BE em BET.

Mas, fundamentalmente, esse trabalhador precisa estar aberto a transgredir com a forma da BE, produzindo, a partir do planejamento, a BET, que precisa articular na sua ação a escolarização e desescolarização do seu trabalho. Aspectos ainda colocados enquanto desafio no tempo da pandemia. O que teriam realizado as BEs do campo nesse tempo?

### **A Covid-19 como um acontecimento: impactos e mudanças**

Ao estabelecermos o elo entre os dados apresentados nas teses citadas, o questionário e o contexto da pandemia como acontecimento gerador de transformações, entendemos que ela provocou percepções e reações, como respostas às necessidades dos atores, dentro das possibilidades já reduzidas nas Escolas do Campo, tornadas ainda mais escassas em tempos de pandemia. Estes tempos e cenário fertilizam as forças

orientadas pelas desigualdades sociais e econômicas.

Inspirados em análise de conjuntura (Souza, 2009), temos o cenário das Escolas do Campo, de modo especial as de assentamentos, onde transitam atores atuantes na escola e nas bibliotecas, professores, alunos, pessoal de apoio e órgãos institucionais, chamados de atores-sujeitos, com destaque para a SEED do Paraná, no caso atual.

Em palestra, há exatamente um ano, Silva (2020) realizou um apanhado histórico acerca do tema e debateu sobre novos formatos para conquistar e atrair o público, em prol da preservação da imagem das bibliotecas como células vivas de conhecimento. De acordo com o palestrante, não faria sentido uma BE sem estudantes e professores e o grande desafio naquele momento, e acreditamos ser ainda hoje, teria sido encontrar uma interface possível para atrair o público no período de pandemia, isso porque, segundo argumenta o autor “a leitura não deve ser relacionada apenas com o livro escrito” e ele identifica outros formatos e suportes possíveis como cordéis, imagens e áudios. O encontro suscitou reflexões sobre os impactos da pandemia nos trabalhos educativos e mostrou a necessidade da virtualização das atividades por meio de *softwares*, tecnologias digitais e mudanças nas

interações sociais entre professores, bibliotecários e alunos. Embora suas sugestões tenham sido previstas para um período de pandemia, no nosso imaginário, elas valem para hoje e têm sido pensadas durante um ano, período de construção de práticas diferenciadas e do repensar dessas práticas em cenário de reclusão e confinamento, tal qual o cenário de um acampamento, no qual a provisoriedade se destaca como ocorre na pandemia.

Esse repensar em relação às possibilidades de interações híbridas em espaços organizados de leitura e criação de conhecimento pode sugerir formas de adaptações e reconfigurações nas BE, “transformando-as em espaços de inclusão tanto para ações tradicionais ligadas à arte e cultura, como também para conteúdos digitais”, conforme sugere Silva (2020). Além das ações tradicionalmente realizadas, passíveis de se tornarem remotas e já previstas para os tempos de pandemia, ele apresentou modos de organização do conteúdo impresso com absorção de possibilidades das ferramentas oferecidas pela tecnologia, cujo potencial para conquistar os alunos tem se ampliado a ponto de incentivar práticas de iniciação científica, de incentivo à leitura, da cultura e da cidadania.

Se o estudo nas Escolas do Campo sempre demandou e continua demandando

esforços e persistência, pois suas condições não têm sido favoráveis para quem busca aprender as letras e os números, imagine-se em tempos de pandemia, quando as bibliotecas perdem seu espaço de atuação, para se tornarem virtuais. Nesse sentido, há situações em que os professores de Língua Portuguesa, na tentativa de estimular a leitura e o acesso aos livros virtuais, organizam *links*, que denominam de “bibliotecas virtuais”, que contêm obras de variados gêneros selecionados por cada professor, e que ficam disponíveis em seu *Drive* particular, aproveitando o momento em que editoras e autores liberam o acesso às suas produções de forma gratuita.

Na perspectiva das Escolas do Campo é preciso dizer, também, que nos últimos anos essas escolas no Brasil vêm deixando de funcionar e muitas crianças e adolescentes já migraram para escolas distantes de suas casas, num movimento chamado de nucleação ou fechamento de escolas. Hammel et al. (2021) traz dados atuais sobre o fechamento de escolas públicas municipais e estaduais no Paraná e indica que o período mais intenso dessa prática foram as décadas de 1980 e 1990, e vincula o mesmo com o fenômeno do êxodo rural para o urbano e a política do transporte escolar que favoreceu a política de fechamento de escolas rurais. Quando elas não são fechadas sofrem a nucleação,

enturmação, multisseriação, entre outros meios utilizados pelo governo para otimizar o sistema de educação pública. Pesquisa similar aponta que de 1997 a 2017 só no estado do Paraná foram fechadas 4.083 Escolas do Campo (Reichenbach, 2019), nos sistemas municipais e estadual, sendo que no Brasil superou 55 mil escolas fechadas.

Outra dificuldade não restrita às práticas de ensino no campo é a exclusão digital, situação favorável à desigualdade social. Segundo pesquisa TIC Domicílios 2019, lançada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) (2020) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), três em cada quatro brasileiros já utilizam a internet, ou seja, o Brasil conta com 134 milhões de usuários de internet, representando 74% da população com 10 anos ou mais.

Apesar do aumento na proporção da população brasileira usuária da internet, cerca de um quarto dos indivíduos (47 milhões de pessoas) seguem desconectados. Pela primeira vez na série histórica da pesquisa, mais da metade da população vivendo em áreas rurais declarou ser usuária de internet alcançando o patamar de 53%, entretanto, contingente

significativo segue desconectado: 35 milhões de pessoas em áreas urbanas (23%) e 12 milhões em áreas rurais (47%). Entre a população há quase 26 milhões (43%) de não usuários.

O celular é o principal dispositivo para acessar a internet, usado pela quase totalidade dos usuários da rede (99%). A pesquisa ainda ressalta que 58% dos brasileiros acessam a rede exclusivamente pelo telefone móvel, proporção que chega a 85%. O uso exclusivo do telefone celular também predomina entre a população preta (65%) e parda (61%), diante de 51% da população branca. De acordo com a TIC Domicílios houve um crescimento no uso da rede pela televisão (37%), um aumento de sete pontos percentuais em relação ao ano de 2018. A Cetic.br. ainda pontua que:

Com o isolamento social, medida de prevenção a Covid-19, milhões de brasileiros passaram a depender ainda mais da Internet e das TIC de maneira geral para realizar atividades de trabalho remoto, ensino à distância e até mesmo para acessar o auxílio emergencial do governo. Mas a falta de acesso à Internet e o uso exclusivamente por celular, especialmente nas classes D e E, evidenciam as desigualdades digitais presentes no país, e apresentam desafios relevantes para a efetividade das políticas públicas de enfrentamento da pandemia. A população infantil em idade escolar nas famílias vulneráveis e sem acesso à Internet também é muito afetada neste período de isolamento social. A pandemia revela de forma clara as

desigualdades no Brasil (Cetic.br., 2020).

O estudo também destaca que 43% das Escolas do Campo afirmaram não contar com a internet por falta de estrutura na região e 24% apontaram o alto custo da conexão, enquanto, na zona urbana, 98% das escolas têm ao menos um computador com acesso à internet, mas nas escolas rurais o índice cai para 34%. A mesma pesquisa apontou que entre a população analfabeta ou que só frequentou a educação infantil, 83% nunca acessaram a rede. Quando se olha para pessoas que tiveram só o ensino fundamental, o índice cai, mas ainda assim é elevado: 35%.

Uma pesquisa realizada em Borborema (SP), pela Associação de Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA) (2020), apresenta dados de um estudo em campo, sobre a situação do ensino remoto em 11 municípios. Os depoimentos corroboram: professoras cansadas do aumento de atividade e com a lida com a tecnologia que muitas não tinham tanta intimidade, pais estafados por assumirem também o papel de intermediação nos estudos dos filhos, quando muitos nem tem estudo para isso.

É uma situação muito delicada. Os pais se viram numa pressão. Eles não têm obrigação de ensinar e sim de oferecer a escola e oportunidade de os filhos estudarem. E o ensino

remoto não é a mesma coisa, não tem o mesmo rendimento. As videochamadas são desgastantes demais. Algumas vezes, perguntamos às crianças e escutamos uma pessoa dizendo a ela a resposta. É uma delicadeza gigante que temos que lidar. Confessa a professora Jaqueline Moreira de Brito, que ensina há 16 anos em escolas do campo (AS-PTA, 2020).

Nesse sentido, algumas instituições foram contribuindo na superação dessa problemática enfrentada pelas famílias e escolas. Fundada há 25 anos, a Recode é uma sociedade civil presente em nove países com 1.152 centros de empoderamento digital e já atingiu mais de 1,752 milhão de pessoas. Atua em parceria com centros comunitários, escolas públicas e bibliotecas para desenvolver nos jovens habilidades digitais e competências socioemocionais, estimulando o protagonismo e o potencial da nova geração como agentes de transformação social. O desafio da organização é ampliar oportunidades de jovens em situação de vulnerabilidade social por meio do uso qualificado e consciente da tecnologia, pois acredita na biblioteca como um local receptivo, permanecendo de portas abertas para envolver a comunidade em atividades literárias e educacionais. Mesmo com a chegada da pandemia, onde os espaços precisaram ficar fechados ou passar por adaptações, os trabalhos não pararam. Instituições demonstraram muita



criatividade no engajamento *online* por meio do Desafio Bibliotecas em Casa da Recode<sup>iii</sup>.

Em outro cenário específico, a comunidade quilombola Moinho Velho, localizada no município de Senhora do Porto (MG), também foi alvo de pesquisas neste período, como se pode observar na leitura de Gomes (2021), que traz o relato de Laisa Soares, de 18 anos: “Disseram que eu formei. Na verdade, ano passado todo eu só recebi algumas atividades da escola. Acabou o ensino médio para nós. Agora, a gente fica à espera de um emprego como babá ou faxineira”. Como podemos analisar na trajetória de Laisa, enquanto muitos se preparam para entrar em universidades, a realidade dela e dos demais jovens que vivem no quilombo é oposta.

Essa comunidade foi uma das três visitadas pela Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais (N’Golo)<sup>iv</sup> e pelo Jornal Brasil de Fato. A jovem quilombola relata sua preocupação com os estudos: “Como vou me preparar para o Enem? O terceiro ano eu praticamente não fiz. Simplesmente me mandaram algumas atividades e me aprovaram”, explica Laisa Soares.

Em razão da pandemia, as escolas optaram por aulas *online*, inacessíveis em Moinho Velho e em tantas outras

comunidades quilombolas do estado em razão da falta de internet adequada. “A gente acessa a internet aqui pelo celular. Às vezes dá para ver alguns vídeos no *YouTube* e dá para mexer no *WhatsApp*. Só”, conta a estudante.

A pandemia acentuou um velho problema na comunidade: a não continuidade nos estudos. Na região as escolas não preparam estudantes, como Laisa, para ingressar na graduação, ela desconhecia seu direito à política de cotas e aos auxílios financeiros concedidos pelas universidades para estudantes de baixa renda.

A realidade descrita por Laisa infelizmente não é uma exceção, ao contrário, em tempos de pandemia parece ter se tornado a regra. Essa constatação se faz presente em relatos de professores, em mídias digitais, que a partir de observações empíricas, no fazer pedagógico cotidiano em sala de aula virtual no modelo videochamada, constatam que àqueles que têm acesso à internet, em sua maioria residem na cidade, já no caso dos pequenos municípios a rede de internet, de modo geral, não chega a todos os cantos e a qualidade do sinal deixa a desejar, sobretudo no campo. Para esses estudantes restam as atividades impressas e os livros didáticos como únicos suportes. Além disso, os alunos que vivem no e do campo

durante a pandemia foram segregados da cidade, pois muitos dependem do transporte escolar para se deslocarem até ela e, sendo assim, não têm meios de acessar a BE e nem a biblioteca municipal.

Ao refletirmos acerca da fala de Laisa, na questão do trabalho, é possível afirmarmos que em muitos casos, sobretudo nesse período da pandemia, o emprego vem antes mesmo da conclusão do Ensino Médio. A pandemia tem contribuído com o fato dos adolescentes do campo e da cidade serem cooptados pelo mercado de trabalho informal, nos pequenos municípios isso é facilmente verificado. Eles formam a mão de obra barata, não especializada e carente, pois buscam uma fonte de renda para auxiliar sua família que agora, por exemplo, não pode participar de feiras do produtor para vender o excedente da produção no campo, outros passam a se dedicar aos trabalhos dentro da propriedade, enquanto outros buscam a tão almejada independência financeira. Por esses motivos acabam optando pelo trabalho e não pela escola. O tempo do trabalho tem roubado de muitos jovens que vivem no/do campo o tempo da escola e, portanto, da leitura.

Em vista dessas considerações, a pandemia como acontecimento trouxe para o cenário novos desafios para escola com o trabalho remoto e para a BE a exigência de

um novo fazer. Como pressuposto para justificar e articular a *práxis* da BET, elegemos o alerta de Milanesi (1986, p. 233) ao apontar para a dimensão da serventia de uma biblioteca, dada pela forma como atua nos movimentos coletivos da população. Ela é pública, a serviço do público e só poderá ser útil no instante em que se relacionar dialeticamente com esse público.

A ideia de elaborar uma entrevista relâmpago foi gerada a partir das dificuldades de contato com os trabalhadores das bibliotecas, as pessoas encarregadas de organizar e coordenar atividades relativas ao fazer bibliotecário, em meio às condições de cada uma das escolas, precarizadas ainda mais pela pandemia. Assim, foi enviado ao trabalhador da BE do campo, ou para direção da Escola do Campo, o pedido de colaboração com a pesquisa sobre “as possibilidades do fazer bibliotecário diante dos impactos e mudanças causados pela Pandemia de Covid-19 no Cenário da BE do campo”. Solicitamos a resposta por escrito, às questões a seguir expostas, com o compromisso de que os dados serão socializados por meio de relatório investigativo e artigo científico.

As respostas à primeira pergunta reforçam o já observado em relação à situação crítica das bibliotecas. Quando

questionado o que vem acontecendo com a BE do campo no cenário pandêmico, as respostas são várias, mas o fundamento é o mesmo: o Colégio 1 refere-se apenas à troca dos livros de leitura quando os estudantes vinham buscar a merenda ou material impresso, durante o ano de 2020; o Colégio 2 destaca que a biblioteca está fechada, porém, os educadores estão organizando leituras e livros para cada criança ler em suas casas; no Colégio 4 a biblioteca permaneceu fechada no período pandêmico. Alguns professores de Português fizeram discussões com alunos de obras virtuais, mas a biblioteca esteve o tempo todo fechada.

O Colégio 3 destaca muita dificuldade com a organização da biblioteca, a disposição do governo de terceirizar os funcionários, aliada à pandemia, levou a não contratação de profissionais administrativos, de maneira que todos os funcionários foram realocados para a impressão, separação e entrega de atividades para o ensino remoto e, também, para a distribuição da merenda às famílias. Essa é uma forma atual ou moderna de deixar de lado a BE na organização do trabalho pedagógico. Já o Colégio 5 traz um elemento novo, “não houve procura dos alunos e nem projetos por parte da direção e coordenação para incentivar a leitura neste período”, aspecto que mostra

que a BE do campo ainda não foi assumida como espaço educativo na escola. Houve grande investimento em impressões de atividades, e os livros didáticos guardados, nem mesmo este documento, com tanto poder na escola e na biblioteca, teve força de uso nesse momento pandêmico.

No Colégio 7, “não houve encaminhamentos para leitura, ou os empréstimos de livros. Foi uma falha. Mas podemos fazer esse ano”. A pesquisa colaborou com um despertar para a possibilidade de contribuição da biblioteca e seu acervo num contexto como esse, ou seja, a biblioteca precisa se atualizar e se especializar em cada contexto ou realidade.

Quanto à posição do Estado na orientação das escolas para o uso ou não da BE, verificamos a falta de orientação. O Colégio 1 destaca “Não tocou no assunto a não ser pra dizer que era pra ficar fechada”; Colégio 2 afirma que “Não teve nenhuma instrução do estado ou município”.

No campo da atuação da BE durante a pandemia, interrogamos às Escolas do Campo se elas vêm realizando algum trabalho educativo, pedagógico e formativo. O Colégio 1 destaca que “Na escola todo ano mudam os funcionários/as e os que vêm não têm formação em biblioteconomia, trabalham conforme as orientações e demandas da escola”,

evidenciando que segue a velha problemática. O Colégio 3 descreve como procede “[...] a cada envio de atividades, de 15 em 15 dias durante todo o ano letivo de 2020, os estudantes levaram um livro para casa, levavam também uma ficha de leitura para fazer breves observações sobre a leitura”, e acrescenta, “no entanto, devido à pandemia, não permitimos a escolha do livro por parte do estudante, já que era impossível a assepsia do material e não temos luvas para fornecer aos estudantes para o manuseio do material”. O Colégio 6 mostra que a biblioteca está sendo pouco utilizada, como demonstram as respostas anteriores, pois apenas são usados “livros de pesquisa e literatura escolhidos pelos professores e encaminhados para as crianças. Os professores estão utilizando da internet, pois como o ensino está sendo orientado via WhatsApp, são colocadas sugestões de leituras, *links* para pesquisas e vídeo”. Já o Colégio 7 aproveita a pesquisa para uma denúncia: “Seria interessante colocar aqui que não temos bibliotecário e que essa função de estímulo e incentivo fica a cargo das educadoras. A equipe pedagógica e a secretária na maioria das vezes organizam o espaço bibliotecário com o auxílio da comunidade”.

Em relação à pergunta sobre quem tem atuado como trabalhador da BE do campo nesse período pandêmico, com

trabalho remoto, os colégios são unânimes em dizer que não contam com bibliotecários e quem realiza o trabalho, na atualidade, é um funcionário da escola (o agente II), noutros casos os próprios professores ou a direção da escola. São unânimes, também, em dizer que, com o ensino remoto, esses sujeitos são realocados no trabalho de impressão de atividades e a biblioteca fica fechada. Podemos ver o limite de compreensão (Freire, 1987) de quem faz a gestão da escola para com o acervo da biblioteca e seu uso pelos usuários. O conhecimento sistematizado fica trancado mais uma vez, e as atividades ‘soltas’ ganham lugar. A leitura do livro dá espaço para “leitura de folhas” e, o mais grave, mesmo depois da aprovação da lei de obrigatoriedade da biblioteca em escolas, a escola segue sem trabalhadores específicos para BE.

Como podemos ver, a pandemia se colocou como forte impeditivo de um fazer bibliotecário, permanecendo os desafios das políticas e das práticas escolares com livros e leitura em contextos específicos.

### **Considerações**

Se a conjuntura já era desfavorável para as Escolas do Campo, com as ameaças de fechamento, nucleação, agrupamento de turmas e turnos, a pandemia com o trabalho remoto síncrono

e assíncrono foi na atualidade um dos maiores impactos causados na vida de quem ensina e de quem aprende. A escola foi fechada certamente para outras tantas dimensões do processo educativo e formativo.

O trabalho remoto trocou a sala de aula pela tela de aula e, pela solidão daqueles que só têm acesso ao material impresso como único meio de garantir o ano letivo e a aprendizagem. Sem dúvida, todas essas novas situações de “aprendizagem” têm um grande impacto nos modos de ensinar e aprender. Professores e estudantes que têm acesso, mesmo que precário, foram desafiados ao uso das tecnologias virtuais de modo exaustivo.

Quanto aos professores, é preciso cumprir com a carga horária de trabalho seja 40, 30 ou 20 horas, além de cumprir com uma série de outras tarefas de carácter burocrático que tiram o foco do trabalho pedagógico. As tecnologias virtuais, também, adquiriram outras funções, para além de promover o acesso à educação em tempos de pandemia, elas têm servido como forma de controle, pois ao emitir dados colocam em questão a autonomia dos professores e a veracidade do tempo trabalhado e do aprendido dos alunos. Nas Escolas do Campo a dinâmica do ensino remoto síncrono é quase

impossível, colocando os estudantes que vivem e estudam no campo novamente em situação de exclusão.

O incentivo ao uso das tecnologias virtuais seria positivo se as políticas públicas e educacionais tivessem criado as condições para tal. A denúncia dos questionários destaca justamente os limites impostos pela falta de uma internet de qualidade nos contextos rurais que impactam fortemente a vida dos escolares camponeses, indígenas, quilombolas, entre outros tantos contextos e sujeitos periféricos.

A análise da situação, diante da documentação e das referências relacionadas à problemática do trabalhador da BE, permitiu inferir o agravamento da situação da BE do campo com a pandemia. Agora nem mesmo o agente II permanece nesse espaço atuando, pois foi realocado para o trabalho de impressão e organização das atividades remotas, entre outras tarefas impostas pela falta de funcionários e pela pandemia, como o controle dos portões das instituições. O apostilamento precarizado do material didático ocupou inclusive o lugar do livro didático, que ficou guardado em algumas situações e que em outras é o único recurso que os estudantes têm para realizarem suas atividades impressas. As obras literárias tiveram mais espaço e, em muitas experiências, elas foram

distribuídas para o trabalho de leitura. Ler no celular ou no computador ocupou fortemente o lugar de ler o impresso, aspecto que pode favorecer a formulação de políticas para produção de livros digitais para o acervo da biblioteca, logo, o fazer bibliotecário.

Diante dos resultados reunidos após a análise do questionário e do comparativo com os dados apresentados nas teses citadas, fica explícito que passados dez anos da nossa visita às Escolas do Campo e, apesar da Lei nº 12.244, a realidade das BE, no que diz respeito ao fazer bibliotecário e à situação do bibliotecário no estado do Paraná permanece sem alterações quanto aos aspectos estruturais e à ausência de políticas efetivas de apoio às práticas de leitura. Embora o contexto de isolamento social e o ensino mediado por tecnologias possa sinalizar para a criação de condições alternativas no sentido de assegurar o papel das bibliotecas como veiculadoras da informação e do conhecimento, isso não ocorre, apesar do empenho de alguns entrevistados. Percebemos como se acentua a situação de precariedade, impeditiva de ações e atividades capazes de incentivar a leitura e disseminar recursos pedagógicos de apoio às BEs e escolares-comunitárias. A pandemia, com todas as medidas necessárias para o bem coletivo,

evidenciou fragilidades e, dentre elas, as das práticas na BE.

## Referências

Arguelles, J. D., & Zapata, D. Á. (2002). *Lecturas sobre lecturas*. México: Conaculta.

Associação de Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA). (2020). *Como está o ensino remoto nas escolas do campo nesta pandemia?* Recuperado de: <http://aspta.org.br/2020/10/28/como-esta-o-ensino-remoto-nas-escolas-do-campo-nesta-pandemia/>

Bufrem, L. S., Gehrke, M., & Oliveira, D. C. (2012). *Relatório do estudo exploratório da pesquisa*. Curitiba: [s.n.].

Bufrem, L. S., Gehrke, M., & Oliveira, D. C. (2012). *Relatório do estudo exploratório da pesquisa*. Curitiba: [s.n.].

Britto, L. P. L. (2009). Educação linguística escolar: para além das obviedades. In Correa, D. A., & Saleh, P. B. O. (Orgs.). *Estudos da linguagem e currículo: diálogos (im)possíveis* (pp. 78-89). Ponta Grossa: UEPG.

Canal do Professor. (2020). *Conexão Professor: a biblioteca escolar engajada no incentivo da leitura*. [Youtube]. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=Pe7K1C84jr4>

Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). (2020). *TIC Domicílios 2019*. Recuperado de: <https://cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/>

Caldart, R. S., Pereira, I. B., Alentejano, P., & Frigotto, G. (Orgs.). (2012). *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular.

Campello, B. S., Carvalho, M. da C., Andrade, M. E. A., Vianna, M. M., Caldeira, P. T., & Abreu, V. L. F. G. (2005). *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freire, P. (1984). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (8. ed.). São Paulo: Cortez.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2001). *Ação cultural para liberdade e outros escritos* (9. ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Gehrke, M. (2014). *Contribuições da práxis para a constituição da biblioteca escolar do trabalho a partir da Educação do Campo* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Gomes, M. (2021, 11 de março). Com pandemia, quilombolas perdem renda e têm trajetória escolar interrompida. *Brasil de Fato*, Belo Horizonte. Recuperado de: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/11/com-pandemia-quilombolas-perdem-renda-e-tem-trajetoria-escolar-interrompida>

Hammel, A. C., Ferreira, E. M., Gehrke, M., & Finatto, R. A. (Orgs.). (2021). *Escolas multisseriadas do Paraná: um estudo a partir do programa Escola da Terra*. Curitiba: CRV.

*Lei n. 12.244*. (2005, 25 de maio). Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado

de:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/lei/112244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112244.htm)

Llano, X. (1997). *La biblioteca en el medio rural: reflexiones*. Madrid: Trea.

Maroto, L. H. (2009). *Biblioteca escolar, eis a questão: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. Belo Horizonte: Autêntica.

Marx, K., & Engels, F. (1986). *A ideologia alemã* (5. ed.). São Paulo: Hucitec.

Milanesi, L. (1986). *Ordenar para desordenar: centros de cultura e biblioteca pública*. São Paulo: Brasiliense.

Oliveira, D. C. (2014). *Práticas de leitura na Escola itinerante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Paraná* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Paraná. (2011). *Projeto Implantação dos Sistemas da Rede de Bibliotecas Escolares Públicas*. SEED/SUED. Curitiba: [s.n.].

Pereira, R. (2018). A Lei n. 12.244/2010 e seus desdobramentos no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas* (Portugal), 9, 80-97.

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag9a5>

Reichenbach, V. (2019). *Fechamento das escolas do campo no estado do Paraná (1997 - 2017): violação do direito a educação* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Rigobelo, A. P. C., & Di Giorgi, C. A. G. (2009). Outros parceiros na biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura. In Rigobelo, A. P. C., & Di Giorgi, C. A. G. *Biblioteca escolar e práticas educativas: os mediadores em formação* (pp. 76-92). Campinas: Mercado das Letras.

Silva, E. T. (1986). *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papirus.

Silva, E. T. (1988). *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes.

Silva, E. T. (2003). O bibliotecário e a formação do leitor. In Barzotto, V. H. *Estado da leitura* (pp. 18-36). Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil.

Silva, J. L. C. (2020, 28 de outubro). *Atuação das bibliotecas escolares em tempos de pandemia e pós-pandemia* [Palestra]. Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, Salvador, Bahia.

Silva, W. C. (2003). *Miséria da biblioteca escolar*. São Paulo: Cortez.

Souza, H. J. (2009). *Como se faz análise de conjuntura* (31. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

<sup>i</sup> Fazer bibliotecário, aqui entendido como o trabalho do bibliotecário. No caso das escolas paranaenses, não existe a presença desse sujeito na biblioteca escolar.

<sup>ii</sup> A referência à Secretaria de Educação do Estado do Paraná ocorre de duas formas neste texto: Secretaria de Estado da Educação e do Esporte, nomenclatura atual, a partir da gestão 2019, e Secretaria de Estado da Educação, denominação utilizada anteriormente a 2019. Ambas são identificadas com a mesma sigla - SEED.

<sup>iii</sup> <https://recode.org.br/>

<sup>iv</sup> A N'Golo visitou o quilombo para finalizar um projeto de gestão territorial e ambiental, executado em parceria com o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA) e a organização Dedicated Grant Mechanism for Indigenous Peoples and Local Communities, resultando em uma cartilha sobre os direitos quilombolas.

#### Informações do Artigo / Article Information

Recebido em : 19/06/2021  
Aprovado em: 18/08/2021  
Publicado em: 30/10/2021

Received on June 19th, 2021  
Accepted on August 18th, 2021  
Published on October, 30th, 2021

**Contribuições no Artigo:** Os autores foram os responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

**Author Contributions:** The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

**Conflitos de Interesse:** Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

**Conflict of Interest:** None reported.

#### Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

#### Article Peer Review

Double review.

#### Agência de Fomento

Não tem.

#### Funding

No funding.

#### Como citar este artigo / How to cite this article

APA  
Oliveira, D. C., Bufrem, L. S., & Gehrke, M. (2021). Impactos e mudanças causados pela pandemia de Covid-19 no fazer da biblioteconomia: cenário da biblioteca escolar do campo. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 6, e12478. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12478>

ABNT  
OLIVEIRA, D. C.; BUFREM, L. S.; GEHRKE, M. Impactos e mudanças causados pela pandemia de Covid-19 no fazer da biblioteconomia: cenário da biblioteca escolar do campo. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 6, e12478, 2021. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12478>